

NARRATIVAS DE PROFESSORAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: A CONFIGURAÇÃO DO MÉTODO

Sheila Rodrigues dos Santos (UNEB/Bolsista Capes)¹

Orientador: Prof^a Dr^a. Patrícia Kátia da Costa Pina

Resumo: O método da história oral de vida é um dos desdobramentos de uma pesquisa qualitativa, a qual tem como enfoque a narrativa do conjunto de experiências de vida de três professoras egressas do curso de letras UNEB/Campus II, que narram seus processos formativos na transição de sujeito-leitor a professora-leitora. Este artigo se sustenta por fazer uma reflexão em torno do que venha a ser este percurso metodológico, sistematizado no Brasil pelo historiador José Carlos Sebe Bom Meihy (2005), com o intuito futuro de interpretar as narrativas dessas professoras egressas, na interface com a história oral e a memória, sendo que a narrativa se constitui/constituíra como um dispositivo investigativo de formação identitária docente. A preocupação de parte significativa dos estudos fundamentados da história oral de vida tem como foco a apreensão dos significados, motivações, emoções e valores para elucidar atitudes, comportamentos, representações e práticas sociais. Um lembrar que se constituiu por imagens formadas a partir do que é oferecido no presente, é contextual, não é apenas retomar ao passado, mas imaginar esse passado a partir do que estamos vivenciando.

Palavras-chave: História Oral. Pesquisa. Memória. Narrativas docentes.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O trabalho que ora é apresentado tem como propósito fazer uma breve discussão em torno da metodologia (até então delimitada) da pesquisa intitulada *Leituras de professoras de Língua Portuguesa*, um estudo do método com o intuito futuro que se desencadeará nas análises e interpretações das narrativas de professoras egressas do curso de Letras da UNEB/Campus II na interface com a história oral e a memória, na qual a narrativa se constituirá como um dispositivo investigativo de formação identitária docente. O mesmo aborda a natureza da pesquisa qualitativa, discorrendo pelo método da história oral, que se defini aqui na modalidade da história oral de vida (a narrativa do conjunto de experiências de vida), permeado pelo método (auto)biográfico, usando como instrumento de coleta de dados as entrevistas narrativas, uma ação na qual permite ao entrevistado narrar a sua trajetória de vida e da sua formação, a partir de diversos fatos e experiências vividas na trajetória de vida do sujeito, como: lembranças, memórias e representações.

A história oral de vida pode revelar a trajetória pessoal e profissional, conseqüentemente processos de formação docente inicial e continuada. Para maior enriquecimento do suporte teórico, a fim de obter resultados coletados através das entrevistas narrativas, os dados analisados servirão de suporte para compreender como as práticas de leituras vivenciadas pelos sujeitos professores formado pelo Campus II têm contribuído para a formação do professor leitor.

¹ Mestranda em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia, Campus II, Alagoinhas- Bahia, Linha de Pesquisa 2: Letramento, identidades e formação de educadores Endereço eletrônico: sheiladigues@hotmail.com.

De acordo com Meihy (2005) a História Oral se distingue em três modalidades: história oral de vida, história oral temática e tradição oral. Os dois últimos gêneros não serão abordados nesse artigo, mas de modo geral referem-se, respectivamente, a um estudo que pretende compreender uma temática específica, definida como foco central, é um estudo muito próximo da etnografia, que busca detalhar o cotidiano de um grupo, os seus mitos, rituais e visão de mundo, dando ênfase à história e a práticas sociais de comunidades específicas e a sua cadeia de transmissão.

Sendo assim, escolha dessa metodologia se constitui pelo fato da oralidade (a narrativa) ter ganhado espaço nos contextos acadêmico, pois com os Estudos Culturais, a distância entre conhecimento cotidiano e conhecimento escolar/acadêmico, tem-se suas fronteiras desestabilizadas, causando assim algumas fissuras que possibilitou/possibilita o diálogo entre esses dois campos de produção de conhecimento. Assim, a oralidade como fonte de pesquisa vem ganhando força, principalmente, entre os que a aceitam como expressão de realidades vividas por pessoas, ou grupos de pessoas de diferentes culturas e, particularmente pelos grupos que não têm a sua história registrada pelos meios oficiais. É na verdade um lembrar que se constituiu por imagens formadas a partir do que é oferecido no presente, é contextual, não é apenas retomar ao passado, mas imaginar esse passado a partir do que estamos vivenciando.

OS CAMINHOS DA HISTÓRIA ORAL DE VIDA ENQUANTO PERCURSO METODOLÓGICO

O conceito de história oral com um método em uma pesquisa, só é considerado modernamente, se considerada decorrente de um projeto que reconheça sua intenção e determine os procedimentos. Segundo Meihy (2005) de início a história oral combinou duas funções complementares: a de registrar e divulgar experiências relevantes e a de estabelecer ligações com o meio urbano que consumia as entrevistas, promovendo assim um incentivo para a história local e imediata.

Neste momento, por volta dos anos 70 do sec. XX, as áreas de conhecimentos se fundamentavam na concepção positivista, e é a partir dos 70 do sec. XX que os estudos qualitativos ganham uma dimensão maior no cenário educacional com o intuito de dar respostas aos estudos que até o momento ainda estavam presos à concepção positivista de conhecimento, uma vez que essa concepção analisa sob os mesmos princípios os estudos das ciências humanas e das ciências naturais. Com base nesse pensamento de não mais avaliar os estudos humanos conforme os estudos naturais e físicos novas propostas surgiram e a grande dicotomia entre estudos qualitativos – quantitativos deu espaço para outras possibilidades de pesquisa, como os estudos antropológicos, as questões sociais, apontados por Meihy (2005, p. 14):

Por meio da história oral, por exemplo, movimentos de minorias culturais e discriminadas, especialmente de mulheres, índios, homossexuais, negros, desempregados, além de migrantes, imigrantes, exilados, têm encontrado espaço para abrigar suas palavras, dando sentido social às experiências vividas sob diferentes circunstâncias (MEIHY, 2005, p. 14).

A pesquisa qualitativa/social nesta perspectiva nos possibilita analisar o sujeito por um ângulo etnográfico, antropológico, epistemológico, nos proporciona uma série de caminhos que podem ser percorridos com o intuito de compreender este sujeito que é social, “é um campo em que, independentemente das várias tradições disciplinares, diferentes linhas de trabalho têm encontrado em território para o diálogo sobre maneiras de abordagem entrevistas e espaço de troca de experiências” (MEIHY, 2005, p. 48).

Assim, a história oral tem se constituído como um desafio dos historiadores, sociólogos e antropólogos ao propor a reconstituição de histórias de vida, ou outro testemunho, utilizando a história oral.

Como método, a história oral se ergue segundo alternativas que a privilegiam como atenção central dos estudos. Trata-se de focalizar os depoimentos com o ponto central das análises. Para ser valorizada metodologicamente, os oralistas centram sua atenção, desde o estabelecimento do projeto, nos critérios de recolha das entrevistas, no processamento delas, na passagem do oral para o escrito e nos resultados (MEIHY, 2005, p. 31).

Deste modo, entende-se que a preocupação de parte significativa dos estudos fundamentados da história oral de vida tenha como foco a apreensão dos significados, motivações, emoções e valores para elucidar atitudes, comportamentos e práticas sociais. Se constituindo um dos métodos que compõem o campo mais amplo da pesquisa qualitativa e mais especificamente da história oral.

Em termos gerais uma pesquisa constitui um trabalho em processo que não é totalmente controlável ou previsível no qual se adota uma metodologia, que nada mais é que a escolha de um caminho pelo qual a pesquisa trilhou. Este percurso, muitas vezes, requer ser reinventado a cada etapa, deste modo precisamos, então, não somente de regras e sim de criatividade e imaginação.

Pesquisar significa, de forma bem simples, procurar respostas para indagações propostas. Uma pesquisa científica é, portanto, a realização concreta de uma investigação planejada e desenvolvida de acordo com as normas “consagradas” pela metodologia científica, entendida como um conjunto de etapas ordenadamente dispostas a levar o pesquisador a vencer na investigação de determinado fenômeno.

E dentro deste conjunto metodológico há os seguintes elementos: o tema, o planejamento da investigação, o desenvolvimento metodológico, a coleta e a tabulação de dados, a análise dos

resultados, a elaboração das conclusões e a divulgação de resultado, um estudo que segundo Minayo (2001, p. 59).

[...] caminha sempre em duas direções: numa, elabora suas teorias, seus métodos, seus princípios e estabelece seus resultados; noutra, inventa, ratifica seu caminho, abandona certas vias e encaminha-se para certas direções privilegiadas.

A pesquisa social é uma atividade da ciência social, na qual as suas proposições e construções da realidade vinculam pensamento com ação em qualquer pesquisa que tenha um aparato teórico para que seja esclarecida levantando algumas questões referentes ao objeto investigado. Metodologicamente Minayo (2001) afirma que são concepções teóricas, conjunto de técnicas que possibilitem a construção de realidade e o potencial criativo do investigador, elaborando novos critérios e aperfeiçoando metodologias direcionadas ao seu objeto que é histórico e específico, levando a um sentido intelectual e investigativo aos grupos sociais e suas ações enfatizando a relação entre sujeito e objeto considerada também uma abordagem qualitativa.

Deste modo, o método da história oral de vida por ser um desdobramento da pesquisa qualitativa, apresenta um conjunto de procedimentos que conforme Meihy (2005) se inicia com a elaboração de um projeto, instrumento norteador que ajuda a planejar o trabalho de pesquisa, o delineamento da proposta a ser desenvolvida, sua fundamentação teórica e justificativa, a entrevista em colaboração e a passagem do código oral para o escrito. De acordo com Meihy (2005), a história oral é um tipo de procedimento premeditado, de produção de conhecimento, que se faz pelo envolvimento de um entrevistador, o entrevistado e a aparelhagem de gravação.

História oral é um conjunto de procedimento que se iniciam com a elaboração de um projeto e que continuam com definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento (MEIHY, 2005, p. 29).

Nesta abordagem metodológica, o pesquisador colhe dados específicos dos sujeitos envolvidos e analisa de uma maneira totalmente indutiva, pois o seu foco da pesquisa está em interpretar as situações vivenciadas pelos sujeitos colaboradores. A história oral de vida recobre a narrativas e relatos - sobre um fenômeno, um acontecimento ou um período de tempo - colhidos por meio de estudo documental, depoimentos e entrevistas (gravadas em áudio e/ou vídeo) as quais podem ser trabalhadas por meio de diversos procedimentos e técnicas.

Pereira (2013) conceitua este método como uma técnica que promove o registro fidedigno das falas dos colaboradores, que por sua vez traz a tona suas vivências pessoal, familiar e sócio histórica. “As histórias de vida narradas se edificam à medida que trazem à tona lembranças, episódios e cenas guardadas, mas que passam a ser rememoradas no tempo presente” (PEREIRA, 2013, p. 22).

De tal modo, o ato de lembrar é semanticamente um ato de conta uma história – transmissão de experiências do passado, herança dos seus ancestrais, o que faz necessariamente um apelo a sua memória e a trabalhar para dar inteligibilidade à experiência e para ressignificar o vivido, sendo assim partimos da compreensão de que a narrativa ressignifica a história, por meio da memória, contada de forma oral ou escrita. “O “momento da narrativa” é o que presentifica toda a história evocada, essa fase implica o resultado da articulação lógica dos fatos encadeados no “tempo antigo”, no “tempo dos acontecimentos””. (MEIHY 2005, p. 37).

A relação da memória com a história é por si só uma relação imbricada, o ato de lembrar implica refletir e ressignificar a nossa história, o vivido é mais uma vez reconstituído, “a memória reconstrói lembranças de lugares, de pessoas e de práticas sociais como um velho álbum de família, cujos retratos permitem reconstruir o ontem, o antes de ontem e o antes de antes de ontem” (LACERDA, 2003, p. 27).

De acordo com Marina Maluf, o trabalho de rememoração “é um ato de intervenção no caos das imagens guardadas”. A memorialista organiza o passado – reencontrado pelo desejo de lembrar -, e ‘procura atribuir sentidos aos fragmentos rememorados numa tentativa de “abraçar o passado” ou de “abarcando toda uma vida”. A narradora descreve suas vivências particulares na perspectiva presente e por isso se apóia em “fórmulas verbais para acomodar o passado, tanto para si quanto para o leitor”, num trabalho intenso e marcado pelas limitações e possibilidades no uso da memória. (LACERDA, 2003, p. 59).

Assim, a memória é definida pelos estudiosos como uma arte, construída como um mosaico, os fragmentos e os detalhes que são lembrados, rememorados, esquecidos, ou apenas silenciados. A memória enquanto evocação do passado nos possibilita a transmissão do vivido por meio das narrativas, se constituindo o centro do método da história oral de vida. Vale ressaltar que neste percurso metodológico os silêncios, os esquecimentos, as reiteraões, a linguagem não verbal, devem ser considerados, uma vez que ao narrar, o narrador relata o que considera relevante, já que a memória é seletiva, modificando assim a história, pois a mesma está sendo criada a partir da sua vivência.

[...] a seleção do material. Este é o âmbito do que poderíamos chamar de ativação preventiva do esquecimento (cf. Bottinelli-Colombo, 1983): trata-se, de fato, de decidir, diante de um conjunto de dados, eventos ou informações, quais devem ser privilegiados e quais devem ser abandonados ao possível cancelamento. (COLOMBO, p.89).

A questão da seletividade presente na memória e de como o sujeito se apropria desta característica se fundamenta na maioria das vezes em abortar experiências dolorosas, pouco relevantes, elementos indesejáveis. Por outro lado também, ao possibilita ao colaborador uma nova versão dos relatos.

Por esta noção, as memórias quando particularizadas terá as referências do sujeito colaborador, e a tessituras dos relatos dos diversos colaboradores constituirão a memória coletiva.

Considera-se a história oral de vida como “biografia”, “relato de vida”, “relato biográfico” e até mesmo, o fato de o narrador contar, falar de si. Segundo Meihy (2005, p.147), “a história oral de vida tem sido uma das formas mais cultivadas do gênero”, trata-se da narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa. (SANTOS, 2008, p. 28-29).

É nesta perspectiva que discorro o próximo tópico, o quanto é relevante as narrativas de professores de Língua Portuguesa para uma pesquisa pautada no método da história oral, uma vez que o ato de narrar está em nossa essência assim com a ação de viver, do contar histórias que vivenciamos dia a dia nos mais diversos espaço sociais.

E de acordo com Pereira (2013) a partir da tessitura entre história oral e memória, o/a narrador/a traz para o seu texto oral as lembranças, e a partir desta constituem as imagens que foram vividas outrora de um modo individual e coletivo, imagens essas carregadas de saberes reflexivos, e concomitante ao seu relato transmiti esses ensinamentos experienciados no passado.

AS NARRATIVAS DOCENTE

Os estudos autobiográficos têm sido utilizados no campo educacional com o intuito de se analisar a formação contínua de professores, o processo de constituição identitária de docentes recém-formados, e em formação continuada, no entanto as narrativas de vidas são instrumentos de formação, que podem ou não estar aliados a uma pesquisa.

A partir do momento que se dá o direito à fala dos professores há um reconhecimento da pessoa do professor, e, conseqüentemente, da valorização das suas experiências vividas tanto na sua vida profissional como pessoal. E a partir daí é possível compreender a identidade que esse sujeito construiu e esta constituindo:

Assim, as professoras através de suas vozes autorais e pelo exercício de (re) ver, dizer e narrar suas vidas e suas práticas profissionais, re-significam experiências a partir de outras formas de ler-pensar-teorizar o vivido: ‘traduzir uma experiência em uma história talvez seja o ato mais fundamental da compreensão humana’. (PÉREZ, 2006, p. 180).

O trabalho com narrativas das professoras nos possibilitará analisar as suas histórias por vários vieses, compreender o sujeito que está se narrando como pessoa, professor e sujeito de suas ações, dono de si e profissional. Nas narrativas as professoras colaboradoras narram seus processos formativos que se constituem em histórias vivas, carregadas de emoções, sentimentos e decepções.

Entre saberes misturados com sentimentos, percebemos como as marcas vividas nas suas trajetórias vão construindo identidade como afirma Josso (2007, p. 415):

Trabalhar as questões da identidade, expressões de nossa existencialidade, através da análise e da interpretação das histórias de vida escritas, permite colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida.

As histórias de vidas, ou a narrativa (auto)biográfica de professoras se constitui em um método que nos permite “[...] compreender as histórias de escolarização de professores em processo de formação” (SOUZA, 2006, p. 135).

A narrativa de si nos faz adentrar em territórios existenciais, em representações, em significados construídos sobre várias dimensões da vida, sobre os trajetos, sobre os processos formativos, sobre a docência e, sobre as aprendizagens construídas a partir da experiência. Consequentemente introduz o professor, a professora num processo de investigação/reflexão dos seus registros (OLIVEIRA, 2006, p. 51).

Revelando-nos como ocorreu o processo de constituição desse sujeito, o processo de conhecimento de si, os seus saberes foram construídos durante esses anos através das suas redes de conhecimentos, das experiências vividas que foram tecidas buscando novos significados, os diversos fatores que movimentam a vida pessoal, profissional e social desses sujeitos.

A narrativa (auto)biográfica, conforme Pérez (2006) é um texto “vivo” de um sujeito inserido em um dado contexto histórico e social, que nos revela os seus princípios, a sua forma de agir, criar, transformar, constantemente o mundo, um texto carregado de sentidos concretos e subjetivos.

Uma narrativa na qual o sujeito se (auto)revela, permitindo-o se conscientizar da sua formação acadêmico-profissional, segundo Pérez é uma nova forma de pensar a formação docente, suplantando as práticas tradicionais presente nos curso de formação docente.

Sendo assim, a coleta de dados das pesquisas pautadas em narrativas, que na verdade são “[...] registros traduzidos na oralidade pelo trabalho da memória trazem os processos formativos significativos e as aprendizagens construídas nestes, além disso, trazem movimentos identificatórios, vividos em tempos/espacos como pessoa e profissional” (OLIVEIRA, 2006, p. 51).

Para Josso (2010) a atividade de construção de narrativas permite que o sujeito reflita sua dinâmica, permite que esse sujeito viva e se oriente em cada etapa, o sujeito se encontra no centro do seu processo de formação, uma ação na qual o sujeito é o próprio escultor da sua existência.

Souza (2006) a descreve como a ação que permite ao entrevistado narrar a sua trajetória de vida e da sua formação a partir de diversos aspectos como lembranças, memórias e representações, justamente por ser “[...] considerada uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com característica específica” (BAUER, GASKELL, 2008, p 95). As características ou princípios

associados a esse tipo de coleta de dado superpõem às características gerais da pesquisa qualitativa.

Entre elas destacam-se:

- 1) As narrativas apresentam diversas formas e as encontramos em todo e qualquer lugar. São através destas que a comunicação humana ganha vida através dos relatos entre vizinhos, nas epopeias históricas, nos contos orais, na linguagem simples ou rebuscada, enfim são atos orais que se constitui uma cadeia de conhecimento humano.
- 2) Nas narrativas podemos analisar traços específicos de cada grupo social, cada região, de cada ser humano pertencente a um grupo específico, tudo isso apenas analisando o seu léxico.
- 3) As narrativas se limitam aos termos indexados, que por sua vez 'significa que a referência é feita a acontecimentos concretos em um lugar e em um tempo' (BAUER, GASKELL, 2008, p. 91).
- 4) As narrativas são caracterizadas como indexadas por apresentar elementos relativos á experiência pessoal do entrevistado, pois são detalhadas com um enfoque nos acontecimentos e nas ações.

As entrevistas narrativas apresentam uma linha de coleta de dados que busca “[...] reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível” (BAUER, GASKELL, 2008, p 95). São falas que, à medida que são relatadas vão dando vida ao objeto de pesquisa, embora seja do ponto de vista do informante:

Os indivíduos desenvolvem significados subjetivos de suas experiências, significados dirigidos para alguns objetos ou coisas. Tais significados são variados e múltiplos, levando o pesquisador a buscar a complexidade dos pontos de vista em vez de estreitá-los em algumas categorias ou ideias (CREWELL, 2010, p. 31).

O foco da pesquisa com o método da história oral de vida, se resume em analisar as narrativas das professoras, que ao falarem de si desvelam a sua trajetória pessoal e profissional, consequentemente o seu processo de formação docente inicial e continuada. E, a partir destas narrativas o pesquisador busca entender o contexto no qual essas professoras estão/estavam inseridas. É uma ação intuitiva, pois à medida que o pesquisador obtém dados passa a interpretá-los gerando significados.

Assim, a perspectiva de trabalhar com narrativas tem o propósito de fazer a pessoa tornar-se visível para ela mesma, compreendendo os modos como se concebe o passado, o presente, um método que permite ao pesquisador observar os acontecimentos passados: “[...] uma memória em que passado, presente e futuro estão imbricados nas significações com que os sujeitos da enunciação operam aos rememorar os fatos por eles vivenciados” (ABRAHÃO, 2006, p. 153).

Uma narrativa de formação, que segundo Josso (2010) prevalece na leitura desses relatos a lógica intelectual de maneira relativamente clássica do processo de conhecimento através de diferentes práticas.

Nesta abordagem as narrativas de vida submetem ao narrador reconstruir conhecimentos durante o processo de reflexão/formação que, de acordo com os princípios de Josso (2010) esses relatos visualizam percebe a formação do sujeito a partir das mais variada sucessão de transformações das suas relações socioculturais, uma ação transformadora da subjetividade do sujeito aprendente e cognoscente, nesta pesquisa tanto o sujeito pesquisador como o sujeito cognoscente estão em formação.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O estudo das narrativas de si (também considerada por estudiosos com uma das nomenclaturas da história oral de vida) como enfoque metodológico em uma pesquisa, não apresenta uma finalidade em buscar uma verdade absoluta, por um percurso coeso, mas sim o registro de uma versão particular de sentimentos e acontecimentos históricos narrados por uma determinada pessoa, que por sua vez nos permite enquanto pesquisador adentrar em um mundo subjetivo e real totalmente seu.

Desse modo, a pesquisa baseada nos relatos das histórias de vidas permite compreender o processo de mudanças sociais e culturais ocorrida nas vidas desses sujeitos e a partir disso relacioná-las com a sua vida profissional e social, já que é a partir do ato de lembrar que nos renovamos, e conseqüentemente renovamos os sujeitos que estão a nossa volta, pois “é no ato de criar que buscamos reinventar e reconstruir, no entrelace do passado e do presente, aquilo que já foi vivido” (PEREIRA, 2013, p. 139).

No entanto, é essencial por parte do pesquisador se libertar dos conceitos estabelecidos por um olhar estático, e se mostrar um sujeito com um olhar flexivo, totalmente dinâmico capaz de acompanhar o que está a sua volta. Se despir do que realmente busca nas narrativas para compreender e interpretar o que está sendo narrado diante de seus olhos e ouvidos, pois é fundamental para o pesquisador neste momento de coleta de dados saber ouvir e ver. Vale ressaltar, que as narrativas nos possibilita uma leitura plural, nos direcionando novos caminhos a serem trilhados para uma nova reconstrução dos fatos, um uma nova forma de compreender as marcas, os registros que produziram o que hoje somos.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. As narrativas de si resignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In. SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria helena Menna Barreto. *Tempos,*

narrativas e ficções: a invenção de si. (Orgs.). Prefácio, Marie-Christine Josso. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006. P. 149-169.

COLOMBO, Fausto. Os caminhos do esquecimento. In: *Os arquivos imperfeitos.* São Paulo: Perspectiva, 1991, p. 87-106.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto.* Trad. Magda Lopes; consultoria, supervisão técnica desta edição Dirceu da Silva. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. P. 25 – 47.

JOSSO, M. Christine. *A transformação de si a partir da narração de histórias de vida.* Educação Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em:<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2741/2088>>. Acessado em 23 Jan. 2012.

JOSSO, Marie-Christine. *Caminhar para si.* Trad. Albino Pozzer. Coor. Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

LACERDA, Lilian de. *Álbum de leitura: memória de vida, histórias de leitores.* Prefácio, Roger Chartier. São Paulo: UNESP, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral.* São Paulo: Loyola, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade.* Petropolis, RJ. Vozes. 2001.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Implicar-se... implicando com professores: tentando produzir sentido na investigação/formação. In. SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino.* (Org.). Prefácio, Marie-Christine Josso. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006. P.47-56.

PEREIRA, Áurea da Silva. *Narrativas de idosos: memórias, tradição oral e letramento.* Salvador: EDUNEB, 2013.

PERÉZ, Carmen Lúcia Vidal. Histórias de escola e narrativas de professores: a experiência do GEP EMC. Memória e cotidiano. In. SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino.* (Orgs.). Prefácio, Marie-Christine Josso. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006. P.177-187.

SANTOS, Áurea da Silva Pereira. *Percursos da oralidade e letramento na comunidade de Saquinho, município de Inhambupe, Ba.* 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <http://www.cdi.uneb.br/pdfs/educacao/2008/aurea_da_silva_pereira_santos.pdf>. Acessado em: 02 Mai. 2014.

SOUZA, Elizeu Clementino. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In. SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si.* (Orgs.). JOSSO, Marie-Christine, Prefácio. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006. P. 135-147.